

O PADRE JOGADOR

Leonardo Gomes de Barros, 1286

Havia em minha cidade
Um padre velho bahiano
Em matéria de trapáça,
Embrulhava rato e cigano
Era fingido e cauhira
O padre José Rumano.

Gordo como uma porca,
Nunca vi tão preguiçoso
pedia tudo que via,
E era bem maneiroso
Apiruando um joguinho
Não havia mais cabuloso.

O seu fraco era jogar
Todo jogo elle jogava
E rara era a partida
Em que ele não roubava
Banca de bom trapaceiro
Padre Zé tudo embrulhava.

Na missa elle dizia:
Diabo leve o jogador
Que jogando sete e meio
Com um ministro do Senhor
E trocar carta na certa
Seja ella a qual for.

Irmãos—seja maldito
quem do vigario ganhar
E' um peccado muito grave
O pobre padre roubar
Maldito é o jogador
Que na banca me enganar.

O padre comia muito
fumava mesmo sem conta
Tomava tanta cachaça
Vivia de cabeça tonta
Para dizer desaforo
Tinha sempre a lingua prompta.

O padre José Rumano
Tambem era um piratão
Toda mulher bonita
Namorava o gavião
Dizia a toda velhota
Estás no meu coração.

Chegou na villa um turco
Com uma gringa bem casado
O padre vendo a galega
Ficou logo enamorado
E disse é na prestação
Que nessa fico enrolado.

A noite tocou p'ra casa
Do turco da prestação
O turco não estava em casa

O padre disse é pedação
A sorte já me acompanha
Isso é bom meu coração.

Entrou na casa do turco
Para o banheiro marchou
Quando agarrou a gringa
Ahi o turco chegou
Com os gritos da galega
Uma pistola puxou.

Era uma pistola velha
Catolé muito quebrava,
Ferrugem tinha a valer.
E mesmo não disparava,
O turco vizou o padre
Para vê se lhe matava.

O padre num guarda roupa
De um pulo se soccou
O turco disse—Miseravel!
O meu lar você manchou
Encomende sua alma
Se o diabo já não levou.

Padre Zé, bicho sagaz
Viu o turco de pistola
Lembrou-se da prestação
O padre era cabra escola
Gritou de dentro do armario
Pare isso por esmola.

Dou duzentos mil reis
Em desoito prestação
Compro a sua pistola
Que você tem ahí na mão,
Dou quinze mil reis de entrada
P'ra você é um negócio.

O turco disse: Infame!
Eu ia lhe assassinar
Mas o negocio da pistola
Eu não posso engeitar
Dou por tresentos mil reis
Com cem você vae entrar,

O padre disse tá feito
Tome lá o seu dinheiro
Dê-me essa pistola
Seja meu companheiro
Assim fecharam o negocio
Alli mesmo no banheiro

O padre então retirou-se
Com Abidula abraçado
O padre elogiou o turco
Peló negocio alcançado
O turco disse seu padre
O senhor é um damnado.

Quando sahia dalli
O padre foi experimentar
A pistola do galego

E nada de disparar
faltavam desoito peças
Uma estava a enferrujar

O padre disse: hoje
Nessa encrenca me encontrei,
Mas o praser que tenho
foi o turco que embrulhei
Mas na casa desse diabo
Eu nunca mais voltarei.

E com força a pistola
Elle no rio jogou
A pistola bateu nagua
Deu um tiro disparou
Ainda hoje procuram
As peças que espalhou.

Quando chegou na villa
O padre foi se hospedar
E por duzentos mil reis
poude a boia contratar
com o dono do hotel
Só pra lhe alimentar

O padre Zezinho lhe disse
Cem mil reis lhe pagarei
Por mez de gratificação
Pois pago bem eu já sei
Quero boia boa e selecta
Prá ver se engordarei.

O hoteleiro pensou
Esse padre é um achado
Paga bem e é bondoso
Agora estou melhorado
Esse padre tem dinheiro
E parece acavallado.

A noite o padre pediu
Uns biscoitos com café
Um pouquinho de sardinha
Um prato de sarapaté
Uns dois brotes bem torrados
Um copo de capilé.

No almoço do outro dia
Padre Zé foi almoçar
Comeu guisado de bode
Rosbife, lombo, mangunzá
Um resto de cabidella
Que estava a esquentar.

Farofa, arroz, carne assada
Dois litros de camarão
Uma tigella de picado
dese fatias de pão
Duas rapaduras batidas
E uma banda de mamão.

Um prato de mel de engenho
Seis laranjas da Bahia
Doce de côco, xouriço,

Por cima ainda bebia
Aguardente Santo Amaro
E nada lhe satisfazia.

Ainda tomou um caldo
Que um doente engeitou
Milho assado e pamonha
Quasi vinte elle papou
Pediu um pouco de angú
Disseram—já se acabou.

O padre dahi damnou-se
O hotel abandonou
Nem a despesa do almoço
Elle siquer pagou
Para casa do vigario
Elle os terem passou.

Vou descrever ao leitor
O que vi na arrumação
Da mala do padre Zéca
Numa bôa ocasião
Decorei tudo que tirha
Naquelle velho surrão.

Enfiador de sapato
Vela de sêbo, extracto,
Tabella de jogo de bicho,
Tamanco, roupa, sapato,
Chapéus, dois travesseiros
Um kilo de herva de rato

Dinheiro, caneco de flandre,
Rosario, missal, baralho,
Dados, copos de louça
Correntes, anzol, chucalho
Prego, parafuso, porca,
Púa, lima, e um malho.

Outros objectos miudos
Que não posso enumerar,
Um pacote de patacas
Que ninguem podia contar
Os objectos de ouro
Ninguem poudé avaliar.

Um cigano certo dia
Poude ao padre vender
Um burro velho cansado
Já bem perto de morrer
E cem mil reis em dinheiro
Inda poude receber

Disse o Cigano adiante
Esse vigario é um lezeira
Por cem mil reis indagora
Fiz uma bôa ladroeira
Um sujeito vendo isso
Foi avisar na carreira.

Seu padre aquelle cigano,
é arruaceiro e ladrão
Vendeu ao senhor seu padre

Um burro velho alasão,
Esse damnado é tão velho
Não vale nem um tostão.

O padre disse: Meu filho
O cigano foi enganado
O dinheiro que paguei
Era todo falsificado
Elle e quem está na certa
Com o sub-delegado.

Inda mais no tal negocio
Muito até hoje lucrei
Do bolso do amolestado
Cincoenta mil reis tirei
E depois um lenço velho
Por um novo eu troquei.

Dá bruaca do danado
Café, farinha eu tirei
Dei almoço ao excomungado
Mais o juro descontei
Até um chifre de torrado
Da bruaca eu roubei.

Joguei uma partidinha
Dose mil reis ganhei,
Elle venceu uma vês
Mais essa eu não paguei
E o burro, a um senhor de engenho
Por seissentos, empurrei.

O sujeito comprou o burro
e perguntou: tem defeito?
Eu disse-lhe: não, é de raça
Nunca carregou em eito,
De saúde é formidável
Repare como é largo o peito.

No outro dia o damnado,
Veio com o burro marchando
Dizendo: Padre o seu burro
Decerto tá me enganando
Eu lhe disse; qual o defeito
Que o senhor está achando?

Elle disse: o burro é cego
Nada adiante elle ver
É troteiro e vagaroso
Nunca soube o que é correr
Desconfio que esse diabo
Pode até apodrecer.

O padre disse: essa cegueira
É uma infelicidade
Não é defeito na vista
É uma fatalidade
O senhor bem sabe disto
E isso não é maldade.

O sujeito disse então
Padre Zé vamos jogar
Quem perder essa partida

Não tem p'ra quem apelar
Perde o dinheiro todo
O burro e os cassuá.

Começou o jogo de cartas
Embrulhei o estradeiro
Troquei cartas, dei um naipe,
Arrecadei o dinheiro,
Ganhei o burro e a sella
E outro animal faceiro.

Veja que o cigano
É quem se sahiu furado
Sem o burro e com dinheiro
Todo falsificado
Quando chegar na villa
Será bem trancafiado.

O sujeito do recado
Ficou besta e emburrado
E disse consigo mesmo
Esse padre é um damnado
Vou me embora senão hoje
Termino sendo roubado.

Quando chegou em casa
Foi que verificou
O cachimbo e a gravata
Com o padre Zé ficou
Dois cruzados de patacas
Elle não mais achou.

Um sujeito bem dengoso
Padre Zé foi tapiar
Com um jogo de seis dedos
Foi o padre embrulhar
Um, tres ou cinco,
Chama-se numero impar.

Dois, quatro e seis
E zero é numero par
Padre quando eu disser
Todos seis em seu lugar
Levante o numero de dedos
Para depois eu contar.

Cem mil réis é a partida
Em que vamos iniciar
Agora, levante o dedo
O numero agora foi par
O padre botou um zero
E o jogo pode ganhar.

E assim a noite toda
O padre só era par,
Com zero em toda banca
O outro pode alisar
Depois disse ao jogador :
Você é bom se criar.

Com sua sabedoria
Você fica amalucado
Estude duzentos annos

E fique mais bem treinado
Só não volta sem ceroula
Porque o jogo tá acabado.

Um vez num casamento
Padre Zé foi celebrar
A noiva com hydropisia
Com um buxo de lascar
O padre vendo o buxão
O noivo foi confessar,

—O senhor se adiantou
Antes do casamento?
Amanhã vocês virão
Para um batismo
Volte e chame a parteira
Não perca mais um momento

O noivo disse: Seu padre
Aquillo é hydropisia
Essa moça é donzella
E era duma confraria
Foi zeladora seis annos,
Nunca foi na sacristia.

O padre disse: você
Quer, é me atrapalhar
Esse seu casamento!
Você podia esperar
Porque trazia o menino
P'ra tambem eu batisar.

O noivo ficou vermelho
Inchava que só papavento
A noiva suando tudo
Disia consigo dentro
Estou morta de vergonha
O meu noivo é um jumento.

O padre disse: Casados
Vocês hoje vão ficar,
Mais daqui a quatro dias
Venham se confessar
Quero saber da historia
E o menino baptisar.

Depois desse casamento
A noiva cahiu doente
Tomou purgante de oleo
E um lambedor bem quente
Dois cristeis de herva doce
Misturado com aguardente.

O buxo todo encolheu
Mais a moça não durou
Em tres dias de vomitos
Seis urinós vomitou
Lumbriga e casca de jaca
Pela bocca ella botou.

Quando o padre soube disso
Disse: isso eu sabia
A moça era muito seria

Ao noivo eu bem que dizia
Mais o povo falador
E' que menino atribuia.

Não gosto de casamento
E' festa que nunca vou
O meu pae Juca Rumano
Nunca elle se casou
Minha mãe foi uma donzella
Que de casa elle furtou.

O padre Zeca no jogo
Até mesmo ao sacristão
Que chamava para missa,
Elle não dava attenção
Dizia o padre— é aqui
Que posso ganhar um milhão.

Emquanto havia dinheiro
Elle não se levantava
Tostão perdido na meza
Elle escondido roubava
Até dinheiro do pires
Passava a mão e levava.

Os amigos lhe diziam:
Sete e meio tá lhe matando,
Mais o padre com presteza
A todos ia affirmando
Meu filho o que me acaba
E' oito e nove, eu passando.

Certa vez dizendo missa
O adoremus resando,
Padre Zé disse p'ro coro:
Agora quem está bancando?
Tenho jogo, trapaceiros
Dessa vez já vou ganhando.

O sacristão protestou
Dizendo-lhe: Seu padre Zé
O senhor dizendo missa,
Já falou em capilé
Lembre-se que hoje é dia
Do milagroso S. Thomé.

O padre disse: nada filho
E' porque hoje um damnado
Num joguinho de manhã
Lesou-me mesmo um bocado
Só não perdi a batina
Porque também sou tarado.

Jogava com cada olho
Parecia um jaboti
Trocou quatro por um sete
E eu nem o roubo vi
Só no fim, quando alisei
E' que a cousa percebi.

Eu fiz uma ladroeira
O amolestado deu fé
Aquillo só sendo o diabo

Faça ideia quem elle é
Jogando com cinco sete
Roubou o bom padre Zé.

Esse filho de satanaz
Me roubou danadamente
Eu estava bem caipora
E ainda mais com aguardente
O diabo se aproveitou
Dizendo ser meu parente.

Eu já estou ficando velho
E nada pude juntar,
O povo da freguezia
Só querem o padre roubar
Confesso todo ladrão
E nenhum vem me ajudar.

Outro dia um desgraçado
Um Perú elle roubou
Na confissão elle disse
E bom padre perduou
Pensando que o Perú
Fosse de algum doutor

Quando vi que era o meu
Ds raiva quasi chorei
Tambem nesse dia, no jogo
Até um copo robei
Um paliteiro, dois lenços
Eu de lá surrupiei

Outro dia um escomungado
Um tal de seu Jozué
Num jogo que tomei parte
Parecia um jacaré,
Troquei a carta de cima
E o condenado deu fé.

Esse sujeito safado
Ouvi numa confissão
Descobri que elle era
Assassino e ladrão
Tinha roubado na cidade
Até o meu sacristão.

Disse a elle—peccador
Maldito será teu fim
Me dê parte desse roubo
A culpa passa p'ra mim
Elle não deu, e a policia
Contei tim-tim por tim-tim.

Doutra vez um semvergonha
Retirante do serlão
Correu toda freguezia
Fazendo especulação
Para dizer uma missa
E ouvir elle, em confissão.

A missa rezei depressa
Para depois lhe confessar
Depois do serviço feito

O diabo não quiz pagar
Dei-lhe um murro no focinho
E iz o diabo se ajoelhar.

Depois com toda força
Segurei o rabugento,
Tomei-lhe o palitot
E dose mil e quinhento
E gritei—dane-se danado
Amolestado, feridento.

Eu estava um pouco ruim
Um tanto ou quanto bicado,
Quando chegou um sujeito
Todo enfatiotado
Para jogar uma partida
Num jogo de sete dados.

No principio ganhei muito
Depois me inquizilei
Perdi tres mil reis assim
E com elle me danei
Perdi mais dose mil reis
E dahi me encaiporei.

Nesse jogo de bozó
Eu já tava era danado
O sujeito tudo ganhava
Eu já estava encabulado
Foi quando verifiquei
Que um dado não era quadrado.

Tinha soment cinco
Em tres lados que contrei
Mas na canna em que estava,
Eu nem isso reparei.
Quando vi a ladroeira
Dahi foi que atinei.

Peguei esse condenado
Desmanchei-lhe a trouxinha
Tomei-lhe todo o dinheiro
E uma cuia de farinha
Amassei-lhe o pau da venta
E puxei-lhe a carrapinha.

O tal do jogo de bicho
Pelo diabo veiu mandado
Quando vi toda vantagem
Pensei estou melhorado
Fui a elle e em centenas
Quasi fico desgraçado.

Joguei nos bichos da roda
Para ver se acertava
A tarde fui receber
Disseram que não pagava
O jogo era a dinheiro
A sorte não se fiava

No dia em que deu elephante
Tres mil reis nelle joguei
O bicheiro um estradeiro,

se—esqueci não botei
isso quasi endoideço
nunca mais joguei.

Meu compadre Zé Martinho
Que o diabo já levou
Num joguinho de azar
Dose vezes me lezou
Até o dinheiro das almas
O danado carregou.

Eu me viguei do diabo
A mulher delle tomei
Vivi com elle seis annos,
E depois ella cazei
Até o véu e a capella
Com meu dinheiro comprei.

O padre José Rumano
Era sagaz, bicho fino
P'ra resolver um questão
Só elle é quem tinha tino
Todo negocio encrencado
O padre é quem dava ensino.

P'ra passar dinheiro falso
Só elle sabia passar
Com a cara limpa ia
A nota falsa trocar
Até cigano do Egipto
O padre pode enganar.

P'ra trocar tambem galinha
Ninguem era mais sagaz
Me lembro duma trecada,
Que elle fez com um rapaz
De duas gallinhas de raça
E um gallo de Goyaz.

O rapaz deu-lhe as gallinhas
Para receber um perú ;
O negocio era no escuro
O padre deu-lhe um urubú
Só de manhã é que o rapaz
Viu a coisa a olho nú.

Voltou e disse— Seu padre
O senhor me enganou
O padre disse— Velhaco
Que foi que você trocou?
O rapaz disse— Uma gallinha
Um gallo por um perú.

O padre disse com raiva:
O negocio foi fechado
Essa reclamação,
E' de sujeito safado
Só hoje é que voce vem
Com essa cara descarado?

Negocio não volta atraz
Ao diabo vá se queixar
Você com esse cinismo